

**ESPETÁCULO 1717, A HISTÓRIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA PELA DOIS PONTOS CIA
DE DANÇATEATRO: UMA ENTREVISTA COM ALEXANDRA KLEN**

Eduarda Cristina Brisola
Jussara Janning Xavier

Eduarda Cristina Brisola¹ - Acadêmica do Curso de Licenciatura em Dança, na Fundação
Universidade Regional de Blumenau – FURB, Campus de Blumenau.
Endereço: Rua São Paulo, 2591 - Apto. 44, Edifício Bérghamo, Bairro: Itoupava Seca,
Blumenau – SC - CEP: 89030-000 - (49) 9197-9844
e-mail: dudacrisbri@hotmail.com

Jussara Janning Xavier² (Coautora) - Doutora em Teatro. Professora do Curso de Licenciatura
em Dança, na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB
Endereço: Departamento de Artes - Campus 1. Rua Antônio da Veiga, 140 - Itoupava Seca -
Blumenau – SC - CEP: 89030-903 - (48) 99946-4731
e-mail: jussarajxavier@gmail.com

¹ Eduarda Cristina Brisola. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Dança, na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB.

² Jussara Janning Xavier. Doutora em Teatro (UDESC), Mestre em Artes – Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Professora dos cursos de Licenciatura em Dança, Teatro e Música na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Resumo

O presente artigo foi extraído de um trabalho apresentado na disciplina Composição Coreográfica I, do curso Licenciatura em Dança da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, sob orientação da Professora Doutora Jussara Janning Xavier. Trata-se de uma entrevista realizada pela acadêmica Eduarda Cristina Brisola com a coreógrafa e bailarina da Dois Pontos Cia de DançaTeatro Alexandra Augusta Pereira Klen, em agosto de 2019. Na entrevista são abordadas questões referentes à criação do espetáculo *1717* (2015), o qual versa sobre a história do descobrimento da escultura de Nossa Senhora Aparecida por pescadores no ano de 1717, no rio Paraíba do Sul, um curso de água que banha os Estados brasileiros de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Palavras-chave: Dois Pontos Cia de DançaTeatro. Espetáculo *1717*. Nossa Senhora Aparecida. Composição.

Abstract

This article was extracted from a work presented in the discipline Choreographic Composition I, from the Degree in Dance course of the Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, under the guidance of Professor Dr. Jussara Janning Xavier. This is an interview conducted by the academic Eduarda Cristina Brisola with the choreographer and dancer at Dois Pontos Cia de Dança Theater Alexandra Augusta Pereira Klen, in August 2019. In the interview, questions related to the creation of the show *1717* (2015) are addressed, which it deals with the story of the discovery of the sculpture of Nossa Senhora Aparecida by fishermen in 1717, on the Paraíba do Sul River, a watercourse that bathes the Brazilian states of São Paulo, Rio de Janeiro and Minas Gerais.

Keywords: Dois Pontos Cia de DançaTeatro. Show *1717*. Nossa Senhora Aparecida. Composition.

INTRODUÇÃO

A dança faz parte de minha vida desde sempre. Nascida e criada dentro de um estúdio de danças³, vivenciei diariamente meus pais ensinando várias pessoas a praticar esta arte mágica e ao chegar o momento de decidir por um curso acadêmico, a paixão falou alto e forte. Então deixei minha pequena cidade em busca de meu sonho. O curso me encanta, mas a possibilidade de realizar uma entrevista com Alexandra Augusta Pereira Klen (figura 01) foi algo inexplicável.

Figura 01 - Alexandra Augusta Pereira Klen



Fonte: Dois Pontos Cia de DançaTeatro (2019).

A entrevistada é Doutora em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2005 iniciou seus estudos na dança de salão e desde 2006 dedica-se ao Tango, com formação continuada nessa área. Entusiasta e estudiosa da cultura, desde 2011 realiza atividades voltadas à arte-educação, tendo concentrado parte de seus esforços nas áreas de produção, gestão cultural e na pesquisa da relação entre dramaturgia e dança, com ênfase nas práticas dramatúrgicas de estruturação e organização de espetáculos por meio das mais variadas formas de construção. Começou em 2015 um processo de aproximação e aprofundamento no mundo da interpretação-criativa e da direção artística de espetáculos, principalmente mediante os trabalhos concebidos com a Dois Pontos Cia de DançaTeatro, da

³ Studio de Danças Ritmus, fundado em 15 de agosto de 1998, na cidade de São Miguel do Oeste, SC. Atualmente denominado Studio de Dança Adriana Staudt.

qual é cofundadora. Atualmente realiza estudos, pesquisas e experiências que correlacionam Arte e Ciência. Foi jurada de todas as etapas do “Festival Escolar Dança Catarina” nos anos de 2017 e 2018.

Eduarda Cristina Brisola (ECB) - **Em que se fundamenta o processo de composição coreográfica do Espetáculo 1717, de 2015?**

Alexandra Klen (AK) - Eu e Ricardo⁴, diretor coreográfico do Espetáculo, queríamos muito falar sobre a identidade do brasileiro e do Brasil, e o primeiro questionamento que nos colocamos foi: “O que é ser brasileiro?”. Diante do questionamento, em setembro de 2014, alguns meses antes da criação da Dois Pontos, eu e Ricardo decidimos fazer um trabalho juntos. A partir disso, iniciamos um *Brainstorming*⁵ e trouxemos tudo o que pudesse remeter ao Brasil, desde os temas do senso comum, como futebol, café, samba e Nordeste, até os temas mais inusitados, porém, nenhum desses temas nos agradavam por completo.

Em outubro de 2014, eu estava assistindo uma reportagem que falava da fé do povo brasileiro, das milhares de pessoas que peregrinavam até Aparecida do Norte para agradecer e fazer seus pedidos, e esse fato me chamou a atenção, pois haviam homens, mulheres, jovens, idosos, pessoas de todas as cores, toda a diversidade brasileira estava lá. Então propus isso para o Ricardo, para que explorássemos a temática não do ponto de vista religioso, mas histórico, cultural, artístico, pois o sincretismo religioso do Brasil é muito forte, uma mistura de religiões.

Um católico, por exemplo, vai pular sete ondas na virada do ano, ou vai tomar passe mediúnico em um centro espírita e vice-versa, todavia não abandonamos a religiosidade, pois se tratava de um tema religioso, mas o nosso viés não foi pela religiosidade, pois nossa busca era pelo o que constitui o povo brasileiro. Percebemos a riqueza e potencialidade desse tema de Nossa Senhora Aparecida, e nosso objetivo além de dançar a história, era deixar para que o público fizesse suas leituras e interpretações.

O Espetáculo tem cenas com mensagens subliminares. Por exemplo, na cena inicial que entram os sete bailarinos no palco, entramos em procissão, sendo que eu entro com uma

⁴ Ricardo Koscialkowski Tetzner. Formado em Artes Cênicas (UFSC), é coreógrafo e dançarino. Cofundador, sócio e Diretor da Dois Pontos Cia de DançaTeatro.

⁵ Tempestade cerebral ou tempestade de ideias.

coroa de flores que remete às várias coroas que a Nossa Senhora Aparecida recebeu pelos pedidos concebidos, e porque foi coroada a Rainha do Brasil. Foram vários simbolismos que usamos, e nem tudo o que apresentamos no palco segue um padrão extremamente objetivo, o que provoca essa pluralidade de sensações no público.

Outro ponto que fundamentou o processo coreográfico foram os jogos teatrais e os jogos foram trazidos para as nossas vivências de composição, adaptando-os para a dança. E a universalidade da Pina Bausch foi muito explorada, pois os bailarinos trouxeram suas experiências para ajudar na composição do trabalho, e o trabalho com LIBRAS dentro desse contexto coreográfico. Nós lemos muito a respeito do tema e usamos várias fontes bibliográficas, mas um dos livros que mais nos orientou se chama: "*Aparecida: a biografia da Santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil*", de Rodrigo Alvarez.

Além disso, no início de 2015, eu e Ricardo fizemos uma viagem mística-religiosa, na qual fizemos o caminho de Santiago de Compostela. Nós queríamos, nessa viagem, nos encontrarmos enquanto parceiros, diretores de uma Companhia e para entender o tema do Espetáculo. Dessa forma, nesse caminho conversamos muito, falávamos sobre cenário, figurino, quais os bailarinos que iríamos convidar, músicas. Foi uma experiência importante para a composição, e quando voltamos já tínhamos 70% do Espetáculo montado na nossa cabeça, e então em março de 2015 iniciamos a criação de movimento, pois para nós o processo coreográfico de criação já tinha começado.

ECB - Neste contexto, qual é o corpo que dança em 1717?

AK - A nossa linguagem, minha e do Ricardo é a dança de salão. Quando estruturamos a Dois Pontos, desenvolvemos valores, missão e visão. Como missão definimos: "Inovar e educar através da arte"; e como valores: "Paixão pelo o que faz, ética, transparência e diversidade". Diante disso é que pensamos o corpo que dança para 1717, que é justamente essa diversidade. No Espetáculo, há bailarinos de diversas modalidades da dança, cores e com diferentes idades: 1717 possui um bailarino diverso.

O corpo que dança é o corpo branco, negro, das danças urbanas, da dança de salão, jovem, maduro, então todos os corpos dançam. Nosso objetivo era trazer a verdade de cada corpo para o trabalho (universalidade de Pina Bausch). Todos nós do elenco temos nossas

vivências e então todos nós fizemos parte dessa composição coreográfica, desse processo de criação, somos todos bailarinos-intérpretes-criadores. Procuramos envolver todos no trabalho, desde a leitura do livro do Rodrigo Alvarez, até o entendimento do porquê usar o figurino daquela cor, feito daquela maneira, porque no nosso cenário tem uma tela de construção, porque aquelas músicas foram as escolhidas. O corpo que dança em 1717 é diverso e que faz parte do todo.

ECB - O Espetáculo 1717 (2015) foi resultado de processos de criação pautados na experimentação, ou a partir de arquétipos previamente codificados?

AK - Como mencionei, um dos fundamentos do processo de composição coreográfica foram os jogos teatrais, nós usamos muito a questão da experimentação. Por nós sermos uma Companhia de Dança-Teatro, esta está diretamente ligada à experimentação e a mesma é um dos guias principais da Dança-Teatro, então usamos experimentação em vários níveis e formas. Os jogos teatrais aplicados para a dança foi uma das maneiras e a própria questão de trazer as vivências e experiências de cada bailarino-intérprete foi uma forma de criar pautado na experimentação.

Figura 02 - Espetáculo 1717 (2015)



Fonte: Dois Pontos Cia de DançaTeatro (2019).

ECB - Os quatro atos do Espetáculo 1717 permanecem iguais à estreia ou se adaptam e transformam ao longo do espaço e do tempo?

AK - A resposta direta é: se transformam. Não é o mesmo. E essa transformação se deve à várias razões. Primeiro, mesmo que o elenco da criação fosse o mesmo, o que não é, pois, algumas pessoas saíram e outras entraram, uma apresentação é diferente da outra, cada dia a gente traz um estado de espírito para o palco. Segundo, como acreditamos muito nas experiências das pessoas que estão dançando com a gente, e como houve troca de pessoas,

nós explorávamos as habilidades dos outros bailarinos e suas vivências nos outros estilos de dança.

Tudo contribuiu de alguma forma, o Espetáculo se adaptou às habilidades que os bailarinos traziam consigo. Nós não queríamos que a pessoa que entrasse repetisse igual ao anterior, não faz sentido isso, essa rigidez nunca existiu. O que permaneceu igual foi a trilha sonora, iluminação mudou, posicionamento do cenário que por ser minimalista, nos permitia montar cada vez diferente, utilizávamos o cenário de coxias⁶. A própria coreografia, nas partes que eu danço com o Ricardo, muitas vezes colocávamos coisas diferentes na hora, nós tínhamos a linha que íamos seguir, mas escutávamos o corpo um do outro, então se eram dois giros e já resolve dar cinco giros, tudo bem... Sentimos o tempo todo, o que trazer a nossa atenção para estar presente e não apenas executar. Até mesmo quando dançávamos fragmentos do *1717* nas escolas, espaços pequenos, pisos inadequados, igreja, ruas, as adaptações eram grandes.

ECB - No Espetáculo 1717, existe a presença de movimentos característicos da dança de salão, como o dançar a dois. Você considera isto como uma característica do Espetáculo? E da Companhia?

AK - Sim, considero. A nossa linguagem principal da Companhia e dos espetáculos da Companhia é a dança de salão. Todavia, nós nominamos de dança de salão cênica, justamente por não ser dança dentro do salão. As diversas pegadas, movimentos mais amplos, isso são características que a gente leva para o palco/apresentação, por isso que chamamos de dança de salão cênica.

ECB - Em 1717, a música exerce um papel fundamental, pois complementa a cena. Diante disto, como ocorreu a escolha da trilha sonora? Qual a relação da dança com a música?

AK - A trilha sonora foi uma das coisas que mais gostei de toda a experiência com *1717*. Ela foi composta com muito carinho, zelo e pesquisa. O primeiro ato é todo instrumental, sendo um *pot-pourri* de aproximadamente 16 minutos de Alceu Valença, um compositor brasileiro muito

⁶ A coxia é o lugar situado dentro da caixa teatral - mas fora de cena - em que o elenco aguarda sua deixa para entrar em cena em uma peça teatral.

conhecido por conta dos forrós e que remete à brasilidade. Com isso, o primeiro ato recebeu o nome de: “Abertura Valenciana”, e em cima dessa trilha colocamos sons de sinos que remetiam à igreja, e também colocamos um pedacinho da música “Cartas de amor”, que viria no segundo ato, cantada por Maria Bethânia, que diz: “Não mexe comigo que eu não ando só”.

A música de Maria Bethânia é o fio condutor de toda a trilha sonora, pois é icônica, fala das religiões, santo e orixá; mistura os sambas, o que nos permitia explorar de forma criativa coreograficamente. Por outro lado, a música tem prosa em que ela canta e verso em que ela declama. No terceiro ato, intitulado de “Pedidos e Agradecimentos”, para a trilha sonora solicitamos que cada bailarino gravasse seus pedidos ou seus agradecimentos. Outro fator da trilha, foram os poemas que eu escolhi para cada bailarino, adaptei um poema de Manuel de Barros chamado: “Pedido quase uma prece”, depois teve um pedido feito por mim de um poema adaptado do Fernando Pessoa, chamado de “Hora absurda”. O Ricardo leu um poema da Hilda Hilst que se chama: “Alcoólicas”, em que escolhi apenas algumas frases que fizeram sentido para mim. No quarto ato, a trilha ficou pautada na música do compositor italiano Ashram, com a música “*Maria and the violin’s string*”.

Depois escolhemos “O que será o que será”⁷, do Chico Buarque para o ato quatro: “A destruição”, que fala sobre o atentado que a imagem de Nossa Senhora sofreu, e a letra da música diz muito sobre isso “O que será que me dá”, para remeter à loucura. Também o quarto ato tem a “Ave Maria”, de Gounod, com o fundo musical da sinfonia de Bach, que foi escolhida por razões óbvias e, depois entrou uma montagem do grupo: “*The Piano Guys*”, que é a sinfonia de Bach, com “Ave Maria”, de Gounod, no fundo, então uma música é negativo da outra, uma pesquisa bem profunda para chegar nisso.

Colocamos um áudio do poema “Só de sacanagem”, de Elisa Lucinda, no ato terceiro, que fala das sacanagens que ocorrem no país, então este seria o pedido do povo brasileiro para o povo brasileiro, um momento forte e impactante que a gente sinaliza em LIBRAS. Após o áudio, dançamos o silêncio no silêncio, para ser uma resposta, pois o silêncio diz muita coisa, e também porque o público ouvinte sente exatamente o que público surdo sente quando vai a um espetáculo.

⁷ “O que será?”, música composta em 1976 pelo cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda, para o filme “Dona Flor e seus dois maridos”, baseado no livro homônimo de Jorge Amado.

ECB - Em relação ao cenário e ao figurino, onde e porque esse corpo dança?

AK - Em relação ao cenário, por falta de recurso financeiro decidimos que iríamos fazê-lo. Conseguimos de doação de uma Construtora uma tela de construção que colocamos no fundo para representar o suor do brasileiro, e com um pedaço dessa tela fizemos um manto de Nossa Senhora. Interagíamos com o cenário, entrávamos e saíamos dele. No primeiro ano, os figurinos eram emprestados de uma artista plástica chamada Clara Fernandes, que chamou a coleção de "Cartas ao mar", e que fez manualmente os figurinos. Entre eles havia calças de pescadores, o que casou com nossa temática, pois a imagem de Nossa Senhora foi descoberta por pescadores em 1717, no rio Paraíba do Sul. Mais tarde, tivemos que confeccionar o figurino usando a tela de construção, e depois, após ganharmos uma Lei de Incentivo, contratamos um figurinista: "Beirão"⁸, que estudou a temática e produziu a partir de cores terrosas, representando as nuances, a cor da terra ao entardecer às margens do rio Paraíba do Sul. Todos os bailarinos com calça e saia, e coletes bordados à mão e o tingimento das calças é para parecer molhado, como se estivessem saindo do rio.

Figura 03 - Espetáculo 1717 (2015)



Fonte: Dois Pontos Cia de Dança Teatro (2019).

ECB - A Dois Pontos Cia de DançaTeatro é referência no Estado e no País. Outro elemento que referencia a Companhia é o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), utilizada em 1717. Que intenções motivaram a pesquisa pela LIBRAS e a consequente adoção para o Espetáculo 1717?

⁸ José Alfredo Beirão Filho é um renomado figurinista de espetáculos cênicos. Também atua como professor titular do Departamento de Moda do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e professor do Programa de Pós-Graduação em Moda da mesma instituição.

AK - Primeiramente, obrigada pelo elogio. Através do meu trabalho com designer universal (projetar para todos), foi que me aproximei da LIBRAS. Em outubro de 2013, ocorreu a primeira tentativa em que eu e Ricardo dançamos o poema "Anda-mi", de Cruz e Souza. Foi no ambiente universitário que me aproximei da LIBRAS, levei a ideia para o Ricardo e então decidimos introduzir no Espetáculo. Nós não queríamos uma pessoa simplesmente para fazer mediação linguística (tradução do Português para LIBRAS), queríamos que ela fizesse parte do contexto coreográfico, e foi com base na experimentação que descobríamos o que fazia sentido, para que tivesse uma sensibilidade artística. Eu e Ricardo, entendíamos a importância de se pensar um espetáculo desde o início tanto para o público surdo quanto para o ouvinte.

Quando dizem que uma obra é acessível, ela deve ser realmente, para que o surdo não tenha que optar por ver o intérprete ou por assistir o que está acontecendo em cena. Foi e está sendo um aprendizado enorme trabalhar com LIBRAS, um desafio, e hoje considero um surdo não como deficiente físico, mas como um indivíduo que compreende tudo, mas que fala outro idioma.

ECB - A estreia do Espetáculo 1717 na Catedral de Florianópolis, possibilitou uma troca com o público? Qual é a relação elenco x espectador?

AK - Sim, muito. Sempre buscamos interagir com o público, principalmente após os espetáculos. No programa físico inicial que entregávamos, tinha uma parte do programa que dizia: "Deixe aqui seu pedido ou agradecimento", e os mesmos ficavam conosco e eram colocados no cenário em um vestido de arame na próxima apresentação, sendo uma maneira que encontramos de interagir com o público. E por ser uma temática forte, as pessoas se identificam, e muitas após o Espetáculo vem conversar conosco relatando suas impressões.

Em uma das nossas apresentações em Roma, dançamos para um público qualificado no assunto, grandes autoridades da igreja, teólogos, seminaristas e demais estudiosos que conhecem mais profundamente sobre o assunto e, que interpretaram cada detalhe, cena e movimento com exatidão e esse *feedback* foi fantástico.

Figura 04 - Espetáculo 1717 (2015)



Fonte: Dois Pontos Cia de Dança Teatro (2019).

ECB- Quais são os planos futuros para o Espetáculo? 1717 permanecerá no repertório da Companhia? Justifique.

AK - Boa pergunta (risos). Eu acho que o futuro a Deus e à Nossa Senhora pertence (risos). A gente não sabe, não sabemos nem o nosso próprio futuro (risos). Acredito, que tudo que a gente fez com a Companhia vai ficar em estado de latência, e quando necessário a gente revive, mas acredito que o que permanece no repertório permanece no repertório, tudo deveria permanecer, toda essa história e esse legado. Por mim fica no repertório. O quando e como ele vai ser revivido, remontado e rerepresentado a gente não sabe exatamente. O 1717 em mim estará vivo sempre.

CONCLUSÃO

Ao término da entrevista, restou a sensação de ter tido uma aula de criação coreográfica. A entrevistada desvendou o processo criativo envolvido na produção do espetáculo 1717, com destaque para os vários elementos que o compõem e a necessidade de observar cada detalhe em função de um resultado final preciso.

Independentemente de credos ou crenças religiosas, o espetáculo 1717 retrata o contexto de sincretismo religioso que marca o Brasil e o povo brasileiro. Neste sentido, a figura de Nossa senhora Aparecida é considerada não apenas sob aspectos religiosos, mas históricos, culturais e sociais.

Outro diferencial na composição de 1717 é o de pensar o público de modo diversificado desde o início, ou seja, a criação foi realizada para atingir simultaneamente o público surdo e o ouvinte. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é utilizada pelos próprios

bailarinos, o que de certo modo cria uma atmosfera inclusiva e impulsiona a plateia para percepções mais profundas. Há uma tradutora e intérprete de LIBRAS em cena, mas seu papel é ampliado: integrada aos elementos cênicos, ela exerce a função de artista.

REFERÊNCIAS

DOIS PONTOS CIA DE DANÇATEATRO. **Currículo dos Diretores** - Ricardo Koscialkowski Tetzner. Disponível em:

<https://www.facebook.com/pg/ciadoispontos/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 27 abr. 2020.

_____. **Espetáculo 1717**. 2015. Disponível em:

<https://www.facebook.com/ciadoispontos/?tn-str=k*F>. Acesso em: 13 ago. 2019.

ANEXO - FICHA TÉCNICA DO ESPETÁCULO 1717 (2015)

Composição coreográfica: coletiva

Elenco: Alexandra Augusta Klen, Carolina Rögelin, Eliza Moritz, Guilherme Rocha, Leonardo Reis, Natália Rigo, Ricardo Koscialkowski Tetzner

Tradução e Interpretação em LIBRAS: Natália Rigo

Figurinos: Clara Fernandes, Beirão Figurinos Cênicos

Vestido de Arame: Josiane Vieira, Gabriel Werlich, Kariny Cândido, Lara Lodi

Cenografia, Direção Geral e Artística: Alexandra Klen e Ricardo Tetzner

Iluminação: Gabriel Velasques

Edição de Som: Alexandre Green

Fotos: Marco Antonio Perna

Assessoria de Comunicação e Design Gráfico: Angelita Corrêa

Ano da criação: 2015

Estreia: 12 de outubro de 2015, na Catedral Metropolitana de Florianópolis.